

CALÍ BOREAZ, ENTRE –

VISTA

Cleber da Silva Luz 1
Sandro Adriano da Silva 2

Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Paraná **1**
(UNESPAR). E-mail: clebersiluz@gmail.com

Professor de Teoria da Literatura da Universidade Estadual do Paraná **1**
(UNESPAR). Doutorando em Literatura pela Universidade Estadual de Santa
Catarina (UFSC). E-mail: profsandrounespar@gmail.com

Poeta, tradutora e atriz, calí boreaz (o nome grafado em minúsculas, para coadunar-se à forma como ela registra) nasce em Portugal, num outono¹; formou-se em Direito em Lisboa; depois, residiu em Bucareste, onde estudou Língua e Literatura Romenas e Tradução Literária. Traduziu dois livros do romeno para o português, sendo eles, os romances *O regresso do hooligan* (2010), de Norman Manea, e *Lisboa para sempre* (2012), de Mihai Zamfir, assinados como Carolina Martins Ferreira.

No virar do ano de 2009 para o ano de 2010, calí atravessa o atlântico a caminho do Brasil, onde reside até o momento, na cidade do Rio de Janeiro, dedicando-se à literatura e ao teatro. Em 2018, a poeta lança *outono azul a sul*, seu primeiro livro de poesia, sobre o qual tratou ser um roteiro poético de oito anos de um *exílio desejado* no Brasil.

Seu nome, o título da obra e todo o projeto gráfico do livro trazem a marcação em minúsculas, pois, conforme consta em nota à obra, calí explora em sua escrita poética um uso particular de sinais gráficos, pontuação, espaçamentos, neologismos. A nota do editor ressalta a informação de que foram escolhas conscientes, embasadas na proposta de marcar o seu próprio estilo.

Nas palavras da poeta, a obra tem como protagonistas “o ser desenraizado, e por isso mais atento, o artista traindo o burocrata, o amante que não consegue habitar o amor”, falando, essencialmente, sobre clandestinidade e sobre estar num lugar de erro — “geográfico ou taquicárdico” (BOREAZ, 2018, s.p.).

Após a publicação de *outono azul a sul*, calí tem disseminado os poemas que compõem o livro em revistas, como, por exemplo, as *SP Review*, *Mallamargens*, *Ruído Manifesto*, *Incomunidade*, *Literatura e Fechadura*, *Jornal plástico bolha*, *Vício Velho*. Na entrevista a seguir, concedida entre abril e junho de 2019, a poeta fala sobre o lugar da poesia nos dias de hoje e trata de seu processo criativo, apresentando reflexões sobre a arquitetônica poética de *outono azul a sul*. E, na esteira dessas discussões, calí reflete sobre as relações entre poesia e exílio, o trabalho da tradução, as tramas entre poesia e crítica de poesia; as relações entre poesia, intermedialidade e interartidade. Discute, também, sobre a tradição e/ou ruptura com a lírica portuguesa e o(s) diálogo(s) com a lírica moderna e contemporânea, comentando, por fim, sua compreensão acerca do lugar da literatura de autoria feminina, hoje.

Poesia, ainda?

²como não? *ser pessoa, ainda?* — ou *respirar, ainda?* não tem outro jeito. falo por mim, claro. a partir do momento em que abro os olhos, olho poeticamente o mundo, no sentido em que estou sempre em busca do mundo no mundo. do que preenche de infinito a finitude-de-tudo. e é essa poesia que eu creio que nos salva da obviedade e do absurdo de existir. a poesia — a arte — é a única coisa que salva quando a vida toca nos limites. por isso, eu diria que poesia, hoje, mais do que nunca. agora, isso nem sempre passa para o plano das palavras — essa, a poesia do poema escrito, tem fases, depende de tanta coisa. mas a poesia, isso que antecede o poema, é como o espanto, como a dor, acontece-me simplesmente e por algum canal preciso expandi-la. escrever poemas é um desses canais. porque é o terreno mais fértil para a exploração da língua, logo, de maneira muito direta, do pensamento. porque é onde a experimentação de possibilidades diversas de pensar e comunicar as mesmas coisas que já foram pensadas e ditas um milhão de vezes — assim como uma escavação-herança do mistério — torna a arte, por excelência, a contribuição humana à infinitude do universo. acrescentar novos mundos ao mundo, abrir os olhos, ver mais uma vez, ver diferente, respirar mais fundo, ser-se — ainda. mais do que nunca.

No poema de abertura, “uma folha caiu” (“vou fazer essa folha virar azul. sem pintar, de dentro pra fora. vem, que no caminho te conto. (mas não contes tanto com isso”) e em *a massa*, as metáforas sugerem o gesto criador e o arquetípico dilema da poesia como inspiração versus trabalho com a palavra. “faço pão. amasso. / minutos. misturo. / curo. embaraço”. Comente sobre essa relação em sua obra, a arquitetônica do livro e a imagem do leitor que é evocado.

minha matéria-prima — o que amasso — é essencialmente a minha vida. meu ofício é cruzá-

1 Esses são alguns dos dados que a poeta divulga em sua autobiografia, publicada em seu *site* (www.caliboreaz.com), dados como data de nascimento e outros não são divulgados.

2 A formatação das respostas segue a grafiação original concedida pela poeta. Como é sua a opção de uso das minúsculas, optamos por preservar o estilo poético da escrita.

la com outros planos encontrando, assim, uma forma de expressão que, por sua vez, me conte algo que eu não sabia apenas vivendo.

eu sinto sempre que o poema é uma casa em que eu entro e aí tenho de lhe destapar os móveis — as palavras —, descobrir a decoração — as sutilezas a ligar esses objetos-palavras —, atentar aos cheiros — o clima cromático-musical que ele tem. já está tudo lá, é quase como se houvesse uma forma “perfeita” ou acabada, e ele-poema, essa entidade a princípio coletiva, me tivesse por acaso convidado a mim para entrar, porque eu estava passando por ali, estava mais à mão, e então, uma vez dentro, me tivesse convidado a escavar, levantar os véus, investigar os cantos e tetos e bordas das janelas. escrevê-lo. nem sempre as coisas estão tão à vista. e enquanto não atinjo aquele poema é impossível descansar. é um parto. é a forma que me vai revelando o conteúdo. o poema é um grande mistério e uma grande estrada para mim. tem aquelas outras vezes em que eu entro e está tudo à vista, iluminado — confio na arte tanto quanto no artesanato. ambos são boas conversas.

mas tem um momento em que eu sei intuitivamente que atingi o poema e aí sossego. não publico se não chegar nesse estado, que, friso, não é racional. nunca me aconteceu abrir o livro e achar que devia mexer aqui ou ali. quando começa a viver para o outro, para mim morreu.

quanto à arquitetura do livro, como só tenho um, só posso falar dele, do *outono azul a sul*. compor o livro foi um momento mais racional. olhar para as várias pecinhas e ver o que faz sentido ou enriquece depois do quê, quase como um puzzle. a magia está em que, de alguma forma, tudo já parecia existir e eu só cumpri. foi muito fácil, fluido, prazeroso compor o *outono azul a sul*, pensá-lo como um sistema com rotações próprias, um mundo em que se pode entrar, pensar em alguma coisa.

e depois, poder manuseá-lo, folheá-lo, esse objeto exterior a mim, provocou uma revolução na minha vida. de alguma maneira, me libertou dele, daquela atmosfera, daquelas obsessões. isso foi um pouco assustador, mas no bom sentido. ver o poder de um livro, de uma *publicação*. conclusão: quero mais, preciso... eu que nunca tinha pensado em publicar.

quanto à imagem do leitor invocado, creio que é uma invocação de mim mesma, a que me lê. há esse momento em que sou leitora de mim mesma. mas nesse eu-leitor estão todos os potenciais leitores. a poesia pode não servir para nada no mundo funcional (e ainda bem), mas ela tem esse poder maravilhoso de quebrar a solidão que nos é fatal, no momento em que pensamos “olha, mais alguém sentiu isto” — isso é tremendamente humano.

Em *som cinza*, o eu lírico lamenta as perdas do “indizível”, que se dão na passagem entre a escrita manual e o uso de novas tecnologias, na criação do poema. Como você concebe essa relação entre uma possível morte do rascunho, esse registro errante, e a assepsia de um software no momento da criação?

esse primeiro poema do livro nasceu precisamente do espanto do dia em que percebi que não fazia mais questão de pegar num papel e num lápis com borracha para escrever. coisa que, antes, era absolutamente essencial para que algo poético nascesse em palavras. computador era para fazer trabalhos para a escola, faculdade. não tinha nada a ver com poesia. celular menos ainda. foi então que me perguntei: o que aconteceu? não tenho respostas ainda. olho para meus cadernos todos escritos a lápis desde a adolescência, pego neles, folheio, sinto cheiros de coisas, mudanças de letra que me falam de coisas que não estão escritas e penso: para onde estarei olhando daqui a vinte, trinta anos? mas acontece o mesmo com os álbuns de fotografias, por exemplo. para onde estaremos olhando daqui a vinte, trinta anos? acho que não adianta lutar contra isso, não há tempo perante o tempo que há. o jeito é ir vivendo este nosso tempo e ver onde vai dar.

A recepção de sua poesia por parte da crítica acadêmica e censória tem sido positiva. Como você avalia o papel da crítica de poesia hoje? E como sua obra dialoga e rompe com a tradição lírica portuguesa e com a lírica moderna/contemporânea?

acho que o papel da crítica é ser vento. espalhar a curiosidade sobre uma obra, trazer novos olhos leitores, potenciais novas conversas e trocas. acho isso sensacional. quero receber críticas de todos os críticos.

minha formação poética foi essencialmente portuguesa, das canções de amigo, a Camões

e Bocage, muito século XIX, muitíssimo século XX, onde entraram também alguns brasileiros, mas parando ali nos anos 70. lia tudo que meu avô ou a escola me davam e tudo que ia descobrindo por outros caminhos. minha poesia até o exílio brasileiro estava dentro dessa tradição lírica portuguesa \ lusófona. foi por aqui que o dionisíaco me pegou, que comecei a misturar coisas, a ouvir com mais arrojo o caos interno e a desviar-me de algum orgulho formal. comecei a não querer rimar, por exemplo. não por rebeldia, não apenas para fazer diferente, mas porque me soava mais próximo da vida, me representava melhor, e isso era uma necessidade — um “*outro valor mais alto se levanta*”, como disse Camões. ou antes, comecei a buscar outras rimas não óbvias, novas músicas. uma coisa de que gosto ao reler de repente um poema meu é quando tenho a sensação de que algo vai rimando embora, se olhar bem, às vezes nada rime de fato — essa sensação misteriosa comecei a percebê-la como marca de um novo tempo meu. assim como poetizar novas palavras, experimentar a potência dos espaços, dos silêncios, desafiar a pontuação, outras regras, incluir outras línguas.

então, para mim, Portugal é a poesia e o Brasil, a licença poética. quando juntei os dois, foi quando me encontrei.

só depois — a partir do momento em que soube que ia publicar — é que comecei a ter (muito) contato com a poesia contemporânea, e não apenas portuguesa ou lusófona, e a perceber que, na verdade, não era um novo tempo só meu e sim de toda uma geração que está a sentir as mesmas coisas.

outono azul a sul, em suas palavras, “é o roteiro poético de um exílio (desejado).” Comente essa relação entre poesia, paisagem/exílio e subjetividade lírica que parece emergir em sua obra.

o que vemos distraidamente é quase sempre muito pouco — está dentro de duas margens, entre *aquilo que nunca vimos* e *aquilo que vemos sempre*. conta-se que quando as caravelas de Cabral se aproximaram do Brasil, os índios que aqui viviam não viram nada de imediato... viram umas ondulações diferentes no mar, mas não viram as caravelas — porque as estruturas visuais que formam o pensamento e a capacidade imagética simplesmente não continham, não integravam, não concebiam *aquela coisa*. por outro lado, quantas vezes acontece você se perguntar qual é mesmo a cor do abajour da sala? qual é mesmo a cor do tapete? ou a exata cor do olho de alguém com quem cruza todos os dias? — porque você vê tanto que você deixa de ver. e podemos transportar essa percepção também para a auto-visão, ou seja, isso vale também para coisas muito desconhecidas e muito conhecidas relativas a nós mesmos.

o desafio da poesia está em transgredir essas margens. por um lado, fazer um esforço de ampliação das estruturas visuais, para prestar atenção em detalhes que poderiam perfeitamente passar despercebidos — e esse aguçamento é essencialmente um exercício de silêncio. e, por outro lado, fazer um esforço de presentificação, ou desautomatização, para treinar um novo olhar sobre aquilo que já é tão conhecido ou habitual que passaria por banal. tenho um verso num poema do *outono azul a sul* que diz isso: “*por novos — não lugares — olhares*”.

então, o desafio da poesia é prestar atenção. é um filtro de olhar e de se olhar que passa por um exercício de espanto.

aqui, entra a importância do exílio como lugar de erro, logo como lugar de interesse para a poesia. porque quando nos deslocamos do nosso habitat natural, desde logo já perdemos uma das margens, pois quase nada é banal. e, por outro lado, há o instinto de sobrevivência — nosso olhar é necessariamente mais atento aos perigos, o tempo todo, então fica-se com as antenas maiores para captar o potencialmente despercebido.

a busca do exílio é, para mim, um movimento mais poético do que geográfico.

Além de poemas, você publica foto-poemas no Instagram e vídeos-poemas, em sua conta no Youtube. Além disso, tem disponibilizado a trilha sonora de *outono azul a sul*, incluindo alguns poemas falados nas plataformas Spotify e Soundcloud. No livro, a música e a musicalidade aparecem com um delineador escritural; e as ilustrações de Edgar Duvivier e António Martins-Ferreira também endossam o recurso a outros registros estéticos. Como você concebe essas relações entre poesia, intermedialidade e interartidade?

gosto de fusões. o que eu mais anseio é misturar tudo: poesia, teatro, dança, música, fotografia, vídeo, todos os gêneros. gosto de violar rótulos, gosto de arrancar muros. gosto da complexidade. gosto do poema que fotografa, da pintura que escreve, da prosa, da música que

vira olhar e cena. é mais do que gostar — a fusão é um recurso essencial para a minha criação. por isso, aprecio o que a tecnologia permite fazer na interseção da arte da escrita com a arte visual, aprecio imenso essa potência criativa à disposição. gosto do instagram (o meu é @caliboreaz), de me mover artisticamente por lá, e de encontrar por lá outros artistas e conversar com suas obras — acho o instagram, entre as virtualidades, uma vitrine bem interessante do trabalho artístico contemporâneo e um grande espaço de conversa inspiradora com quem está pensando e vivendo o mundo ao mesmo tempo que eu. muitos textos meus, inclusive, nascem no instagram. também descobri recentemente o mundo dos podcasts e estou animada em encontrar coisas e produzir as minhas. lancei o meu podcast de audiopoemas no spotify e no soundcloud. os videopoemas já estavam no youtube. também gosto de arrumar e decorar a minha casa virtual, que é o meu site (caliboreaz.com). sou campo fértil e o tempo em que se vive é uma grande plantação — saber recebê-la e medrá-la é uma grande arte.

mas o que eu acho que devemos manter sempre é os pés bem assentes no chão desta possibilidade: toda a tecnologia pode, num instante, evaporar, todinha. e depois? eu estou sempre muito consciente do que há fora de tudo o que é tela, do que tem de irradiar e que só depende de o meu corpo continuar vivo para se poder manifestar.

Você também é tradutora. Que pontos de aproximação (se há) entre traduzir e criar, em sua experiência, você destacaria?

criar é sempre traduzir. por exemplo, a poesia: o pensamento, a emoção, a sensação, o amor, o desamor, a dor ou o prazer físicos são línguas sem palavras a serem traduzidas para a língua das palavras no momento em que se escreve. se pensarmos em pintar, já se trata de traduzir esse mesmo material abstrato para a língua das formas e das cores. dançar é traduzir a música em movimento do corpo. traduzir entre línguas faladas que se conhecem muito bem é igualmente transitar entre dois sistemas, fazer a ponte — e muito frequentemente há que passar pela língua sem palavras no meio deles, para se fazer uma boa tradução. parafraseando Lavoisier, eu diria: nada se cria, tudo se traduz.

Em entrevista ao programa *Sem Censura*, no canal TV Brasil, você fala sobre a peça *Contando Fados* que escreveu e encenou. Como se dá esse trânsito entre os gêneros, em sua obra? Tem planos de publicar esse e outros textos?

sinto-me assim como uma cientista num laboratório cheio de tubos de ensaio e substâncias vivas \ explosivas, que ora vou colocando *aqui* para condensar em palavras, que ora saem *dali* destilando sons e gestos, virando (novas) sensações, rasgando fendas, abrindo cores, descotes, que em breve voltarão para o primeiro balão, numa secreta combustão de vida e arte, até não mais se distinguirem. ser poeta e ser atriz respiram em uníssono em mim, e ambas se alimentam do mesmo tipo de observação do mundo. além de respirarem em uníssono, também se ajudam em termos práticos: a atriz conquista espaços externos para a poeta, enquanto a poeta assegura espaços internos para a atriz.

não tenho planos de publicar textos teatrais — como uma tradução \ adaptação que fiz de *Hamlet*, o *Contando Fados* ou uma peça que escrevi ano passado adaptando o romance *Karen*, de Ana Teresa Pereira. minha ânsia é a de conseguir realizá-los no palco, que é o seu destino maior. o que tem sido cada vez mais difícil. porque escrever depende só de mim. fazer teatro depende de mil coisas e mil gentes, por menor que seja o projeto. e tem sido cada vez mais difícil conjugar momentos com parceiros e possibilidades financeiras. sinto um desânimo coletivo no ar.

Como você concebe o lugar da literatura de autoria feminina, especialmente a portuguesa, em relação às demandas históricas do feminismo contemporâneo?

acho que é o seguinte: a mulher passa, há algumas décadas, por uma transição, a de mulher a pessoa. antes (ainda que o antes invada o agora tantas vezes — os tempos, como tudo, não são estanques), a mulher era vista apenas como *mulher*, a que ama, a que tem filhos, a que entende a casa, a que cuida, a que cultiva a beleza, a que tem nervos, a que espera, a que silencia; o ser humano era o homem. claro que o homem também era muito visto como *homem*, o que protege, o que sustenta, o que entende a rua, o que nasceu para ser cuidado, o que cultiva o poder, o que tem razão, o que age, o que tem voz. mas sempre que se pensava no ser humano, o homem era o seu

único representante. por isso, a filosofia, a política, a ciência, a arte eram domínios naturalmente masculinos, porque os homens *eram* os seres humanos, os seres a quem se dava o espaço de pensar, desvendar e exprimir o mundo. as mulheres eram reservadas para serem apenas *mulheres* — para os homens. e os homens tinham o seu momento de ser *homens* para as mulheres, mas entre si — a maior parte do tempo — eram simplesmente (ou antes, complexamente) seres humanos. e as mulheres entre si, que seriam? o silêncio histórico delas é tanto que mal podemos saber. pois bem, essa é a grande revolução feminista: os homens e as próprias mulheres conseguem ver as mulheres como seres humanos; a desconstrução do *ser mulher*, que, conseqüentemente, traz a desconstrução do *ser homem*. a desconstrução dos seres relativos e a inclusão do ser do sexo feminino no ser absoluto. nesse momento em que a todos é permitido igualmente ser-se humano, a produção \ ação filosófica, política, científica e artística tornar-se-á cada vez mais, naturalmente, de autoria feminina, em quantidade proporcional ao número de mulheres no mundo. então, vejo o lugar da literatura de autoria feminina como o lugar natural ao ser humano. em suma, estamos nesse processo de transição e creio que, em cinquenta anos, as referências literárias já serão igualmente de autoria feminina e masculina.

Referências

MANEA, Norman. O regresso do hooligan. Trad. Carolina Martins Ferreira. Portugal: Ed. ASA, 2010.

BOREAZ, Calí. outono azul a sul. Bragança paulista – SP: Urutau, 2018.

CALÍ BOREAZ. Disponível em: <http://www.caliboreaz.com/p/livros.html>. Acesso em: 23 abr. 2019.

ZAMFIR, Mihai. Lisboa para sempre. Trad. Carolina Martins Ferreira. Brasília – DF: Thesaurus, 2012.

Recebido em 6 de agosto de 2019.

Aceito em 23 de agosto de 2019.